

DESIGN, TRADIÇÃO E SOCIEDADE

As palavras são mais eternas do que os mármore ou os metais, já dizia Shakespeare. Por isso, o que mudam são os suportes que se tornam mais sofisticados, mais reprodutíveis, mais multiplicadores, mas a linguagem não morre, permanece. (Santaella, 2007:209)

A prática do design, plasmada em tipologias e formas esteticamente definidas em seus contextos, trouxe às civilizações não apenas a possibilidade de registro, permanência e difusão do discurso nas manifestações das linguagens gráficas visuais e verbais (através dos seus autores, editores, impressores) mas também a caracterização cultural e tecnológica de suas diferentes sociedades. Um discurso profético para o mundo como a “Ordem dos Livros” de Roger Chartier (Chartier, 1996), no qual o autor explicita as possibilidades de análise da sociedade a partir da escrita e da página impressa.

O design, mediado pelas técnicas gráficas, adquiriu no seu processo de manufatura as características dos materiais locados para sua produção e registro que, paulatinamente, se automatizaram no amparo da mecanização, definindo padronagens e estilos característicos dos processos de fabricação mecânica (Paradigma da Fabricação) para posterior autonomia (Paradigma da Programação) advinda da informática e suas inteligências artificiais: da robótica à cibernética, tornando-se assim máquina de discurso e agenciamento para a compreensão dos seus atores (autor/leitor) e respectivos contextos.

Desta maneira, no curso da prática estabelecida pela manufatura, as técnicas envolvidas definiram os artefatos e, por eles enunciam-se possíveis compreensões da cultura e suas tradições.

O distanciamento dos processos artesanais, originários na automatização e da expansão da indústria gráfica, segmentou os processos projetuais de concepção, produção e distribuição da informação. Nesse contexto, as práticas industriais orientaram aos projetos uma normatização técnica e projetual da criação e do registro para a impressão nos seus diversos suportes, bem como orientou os respectivos valores (de qualidade funcional e estética) atribuídos aos

resultados atingidos, haja visto as diferentes soluções da imagem nos seus distintos processos técnicos: da gravura até a simulação computacional.

O desenvolvimento dos meios técnicos, as respectivas tecnologias imbricadas por suas linguagens (tanto nas matrizes analógicas quanto digitais) e as interações de estilos influenciaram diretamente o design ao longo de suas práticas, bem como proporcionaram a reconfiguração de um mundo que se apresenta não só mapeado mas produzido e reproduzido em escalas e velocidades múltiplas e concomitantes, caracterizado pelo poder da circulação, da disponibilidade e acesso de uma sociedade narrada, verdadeiramente interfaceada entre autoria e leitura, ou como prefere Nelson Goodman, modos de fazer mundos (Goodman, 1995) que recusa a existência de qualquer realidade em si, independente e autônoma.

Assim, o painel temático design, tradição e sociedade apresenta um panorama das reflexões atuais sobre a prática do design na configuração da cultura visual e suas respectivas inferências na construção da identidade e da memória dos grupos sociais nos quais ocorrem.

Seus agentes, os designers, motivados pelo acesso e uso tanto dos estilos e métodos projetuais quanto das disponibilidades técnicas e materiais, não apenas incorporaram na sua atividade as referências internacionais como também as recriaram a partir das suas referências pessoais e de grupo.

O contraponto entre o perfil do design internacional e o local deve, também, encontrar lastro neste debate a partir do que se identifica como resultado de uma mistura, hibridação ou mestiçagem nas suas respectivas produções, mesmo que subdividida em especialidades tais como do gráfico, da moda ou do objeto.